

Caçada aos vírus mortais

Fiocruz e Exército se unem para buscar na Amazônia causadores de novas doenças

Chico Otavio

Enviado especial • Manaus

As últimas gotas de uma chuva torrencial acabam de cair em Rio Preto da Eva, a 72 quilômetros de Manaus. É hora de começar a caçada. Em lugar de rifles e armadilhas, seringas e reagentes químicos. A presa, apesar de microscópica, pode ser mais agressiva do que o mais hostil predador da floresta. E, o que torna o cerco mais difícil, na maioria das vezes ela não tem nome e nunca foi vista antes.

Um campo de instrução militar nos arredores da capital amazonense é o cenário da caçada. Numa parceria inédita, o Exército e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) se uniram no encalço de inimigos invisíveis: vírus e outros parasitas causadores de doenças emergentes, que infestam as florestas tropicais e podem ser mortais quando se encontram com seres humanos.

O próprio Exército viveu esse drama quando um de seus oficiais, o segundo-tenente Alberto José da Silva Guimarães, foi atacado por um vírus desconhecido, enquanto fazia um curso de sobrevivência na selva no mesmo campo militar em 1995. Menos de 24 horas depois de passar mal, com febre alta, dores musculares e prostração, estava morto, de causa até hoje sem explicação.

Febre amazônica desafia a ciência

Com a invasão do ambiente natural dos vírus, provocada pelo avanço da ação humana sobre a mata e o crescimento das migrações internas, as doenças emergentes passaram a ocupar um lugar de destaque no perfil sanitário do país. Algumas delas mostraram-se extremamente agressivas, como a febre negra de Lábrea, tipo de hepatite fulminante que há três décadas assombra cidades do interior da Amazônia, e mata 90% dos infectados em seis dias.

Maior floresta tropical do planeta e dona de um patrimônio genético incalculável, a Amazônia é um desafio para os pesquisadores. Eles buscam respostas que poderão orientar futuras ações sanitárias contra novos tipos de encefalites e febres hemorrágicas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) já alertou que a incidência das doenças emergentes deverá crescer nos próximos anos e é preciso um eficiente sistema de vigilância sanitária para detê-las.

— Enquanto circulavam apenas nas populações tradicionais, ninguém se preocupava com elas (doenças). Mas, ao sair desses nichos e atingir concentrações humanas, o país acordou para o problema — disse o infectologista Luciano Toledo, responsável na Fiocruz pelo convênio e diretor do Centro de Pesquisas Leônidas e Maria Deane, em Manaus.

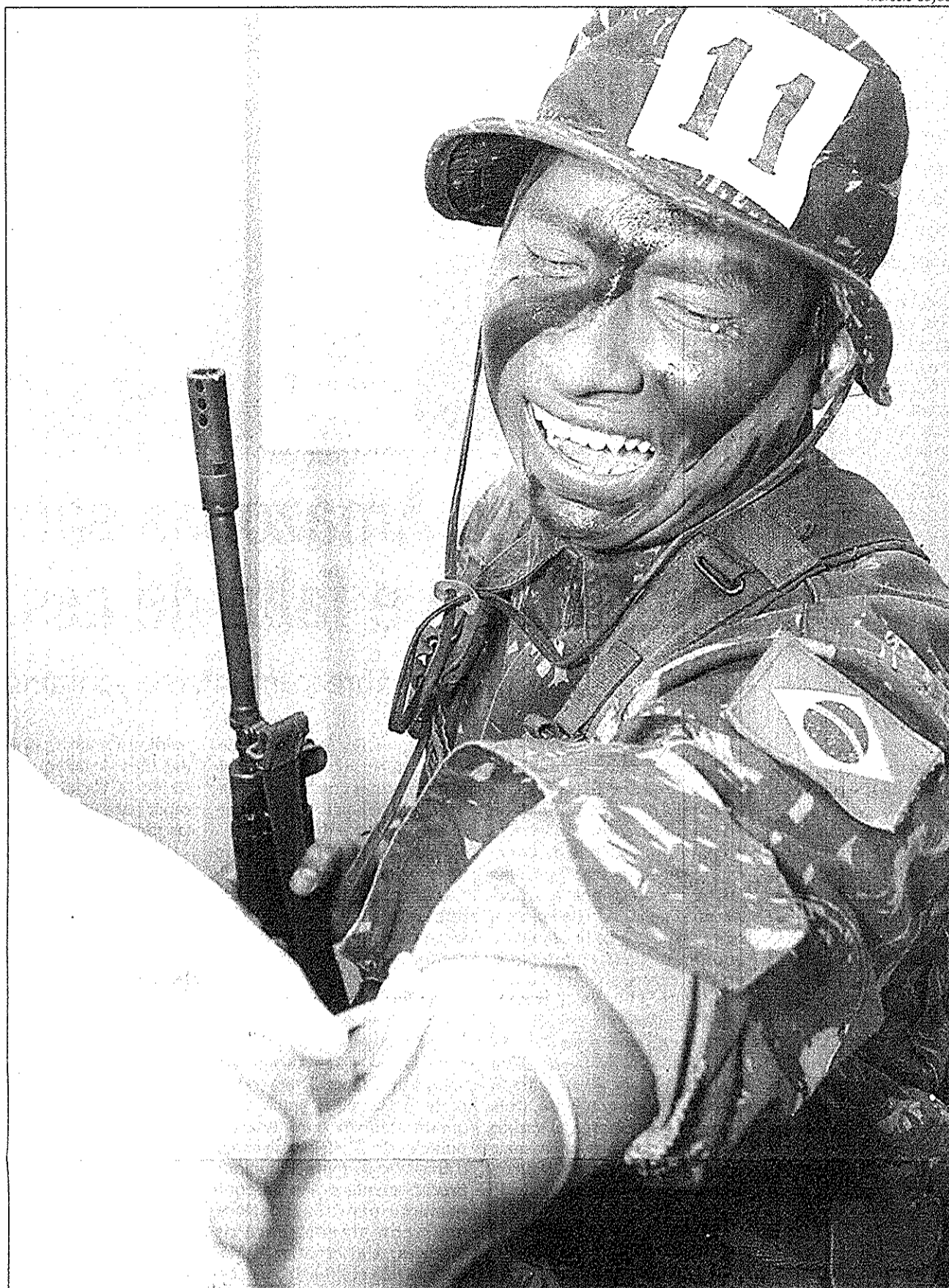
Já o Exército decidiu fazer a parceria com a Fiocruz para não ser surpreendido nas operações de selva pelo mesmo inimigo natural que matou o tenente em 1995.

— Embora o Exército dê ênfase à defesa biológica, pois precisa estar preparado para o contato com um agente desconhecido, o conhecimento adquirido no projeto será usado em benefício da sociedade civil — diz o coronel Roberto Guedes, diretor do Instituto de Biologia do Exército.

Base militar ganha dois laboratórios

No Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), em Manaus, pesquisadores militares e civis trabalham em dois laboratórios (análises clínicas e epidemiologia molecular). Os alunos do CIGS são examinados antes, durante e depois dos cursos, para a detecção de vírus desconhecidos. As equipes do Exército e da Fiocruz também estão montando um banco de fungos (já isolaram 255 variantes) e de insetos, responsáveis pela transmissão de um tipo especial de vírus: o arbovírus.

A urbanização de vírus emergentes já não é mais tratada como fantasia pelos principais institutos de pesquisa do país, como o Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, e o Instituto Evan-



Marcelo Sayão

SOLDADO EM treinamento na selva tira sangue: militares se associaram a pesquisadores para caçar inimigo invisível

Marcelo Sayão



A CIDADE de Manaus invade a floresta: populações entram cada vez mais no território de vírus com potencial de causar doença

dro Chagas, de Belém. Desde que a epidemia da Aids varreu o mundo, a chegada aos grandes centros urbanos de um novo vírus, sem vacina e de difícil tratamento, proveniente de áreas de floresta, é uma possibilidade considerada seriamente.

— A Aids demonstrou que uma epidemia de alta mortalidade não é coisa de profetas do Apocalipse. Se, há 20 anos, me dissessem que um arbovírus completamente desconhecido estava provocando uma grande epidemia em São Paulo, seria capaz de rir da piada. Hoje não. Há uma preocupação crescente — disse o superintendente de Controle de Endemias do Estado de São Paulo, Luiz Jacyntho da Silva.

A importância dos estudos em

Manaus pode ser medida pelo trabalho realizado no Instituto Evandro Chagas, que já identificou 190 arbovírus na Amazônia. Desses, 87 eram desconhecidos e 34 provocam doenças no homem.

Com exceção do arbovírus mais conhecido, o causador do dengue, o hantavírus é o vírus emergente que mais tem se aproximado dos centros urbanos do Brasil. Dados do Ministério da Saúde registram 56 casos em oito anos (1993-2000), dos quais 63% fatais. Só em Uberlândia, Minas, ocorreram 12 casos desde agosto de 1998, todos em áreas periféricas muitos próximos da cidade.

Um dos maiores especialistas em hantavírus no país, Luiz Eloy Pereira, do Instituto Adolfo Lutz, disse

que seus estudos demonstram que os casos se relacionam à distribuição dos ratos que transmitem o hantavírus. E, como esses ratos são silvestres, é menos provável que estejam invadindo as cidades.

— Não é o hantavírus que se urbaniza, mas a cidade que está se ampliando até o campo — disse.

Diferentemente do hantavírus, as encefalites causadas por arbovírus podem chegar às cidades mais facilmente, porque são transmitidas por insetos que migram para as zonas urbanas, como algumas espécies de pernilongos. Segundo dados da pesquisadora da Seção de Arbovírus do Instituto Adolfo Lutz, Terezinha Lisieux Moraes Coimbra, 500 mil pessoas foram contaminadas na Região

Amazônica, incluindo centros urbanos do Panamá e do Peru, por seguidas ondas de encefalites causada pelo vírus Oropouche, responsável por epidemias desde 1960 na Amazônia.

— É flagrante a dificuldade dos cientistas e dos formuladores da política em lidar com novos patógenos, sua virulência, e com as doenças que já se supunha sob controle — disse Lisieux, mencionando a febre amarela, hoje restrita às zonas rurais, mas foco de grande preocupação por ser transmitida pelo mesmo mosquito do dengue, o *Aedes aegypti*.

COLABOROU Rubens Valente

• AMAZONAS SOFRE COM FEBRE FULMINANTE, na página 4

Acordo dá novo rumo à história

Além da importância científica, a parceria do Exército com a Fiocruz, na caçada aos vírus mortais na Amazônia, tem também um significado histórico. O convênio cicatriza de vez uma ferida aberta há 31 anos, quando o regime militar chefiado pelo presidente Emílio Médici demitiu dez dos principais pesquisadores da Fiocruz, interrompeu pesquisas e desmantelou laboratórios, numa ação repressiva que ficou conhecida como o Massacre de Manguinhos.

Se os anos 60 ficaram marcados pela caça às bruxas na Fiocruz, com generais encarregados de inquirir para punir a "infiltração comunista" nos laboratórios, os dias de hoje inauguram uma fase de harmonia e colaboração mútua entre as duas instituições. O diretor da Fiocruz no Amazonas, Luciano Toledo, chegou a ganhar das mãos do coronel Roberto Guedes uma placa de homenagem do Instituto de Biologia do Exército.

No período de perseguições, a coleção entomológica da Fiocruz, que reunia na época mais de 600 mil insetos, foi arruinada, com a perda de cerca de cem mil exemplares. Seu curador, Sebastião de Oliveira, especialista no controle de mosquitos transmissores de doenças, foi aposentado compulsoriamente, perdeu os direitos políticos e acabou mudando-se para a Alemanha.

Três décadas depois, os próprios militares ajudam os pesquisadores da Fiocruz na montagem de outra coleção entomológica, colhendo insetos nos seus campos de instrução.

Os riscos para a saúde

Na medida em que o homem penetra na mata, como ocorre em ritmo acelerado em Manaus, aumenta a chance do contato humano com animais e mosquitos silvestres, que podem estar contaminados e transmitir vírus. Com o corte das árvores, os mosquitos tendem a procurar abrigo nas casas mais próximas. Na capital amazonense, casebres do loteamento clandestino Cidade de Deus, avançam sobre a reserva florestal Adolpho Ducke, do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas. Foi preciso uma cerca para contê-los.

De acordo o último censo, Manaus, com 1,4 milhão de habitantes (metade da população do Amazonas), já passou Belém (1,2 milhão de habitantes), tornando-se a nova metrópole da Região Norte e subindo do 11º para 9º posto entre as maiores do país.